

TRADUÇÃO ADAPTADA PARA O LEITOR SURDO: MÚLTIPLOS ESPAÇOS E CULTURAS EM CONTRASTE

Wany Bernardete de Araujo SAMPAIO*
Larissa Gotti PISSINATTI**

■ **RESUMO:** Neste artigo, propomos uma leitura interpretativa da obra *Patinho surdo* (KARNOPP; ROSA, 2011), tradução culturalmente adaptada para o povo surdo, um reconto do clássico *O patinho feio*. Sob o ponto de vista de que a obra literária é um espaço pujante de relações, processos e acontecimentos vivenciados por personagens que interagem em tempos-espacos imbricados e relacionados entre si, consideramos as noções de cronotopia (BAKHTIN, 1993), topofilia (BACHELARD, 1972; TUAN, 2012) e topoanálise (BORGES FILHO, 2007), termos que abarcam as inter-relações sociais no tempo-espaço, o sentimento em relação ao meio ambiente e as representações simbólicas presentes no tempo-espaço da obra literária. Depreendemos, em nossa leitura, que: (i) a literatura surda busca, através de narrativas culturalmente adaptadas, afinar o leitor com a perspectiva de mundo do povo surdo; (ii) o espaço narrativo se configura como lócus de afirmação de valores, hábitos e formação do *ethos* do povo surdo e, (iii) a própria literatura surda, ainda emergente e pouco (re)conhecida socialmente, busca marcar seu espaço no interior do campo literário.

■ **PALAVRAS-CHAVE:** Cronotopia. Literatura surda. Topoanálise. Topofilia. Tradução adaptada.

Introdução

As relações sociais acontecem permeadas por/em tempos-espacos prenes de relações de poder, lutas, desejos e valores. E é na relação com o outro que o ser humano se encontra em sua humanidade. Por esse viés, podemos compreender que, enquanto um bem/produto cultural e social, a obra literária é um espaço de relações entre o autor e o leitor e pode, por isso mesmo, funcionar como um instrumento que influencia e pode transformar as relações entre a sociedade.

* UNIR – Universidade Federal de Rondônia – Núcleo de Ciências Humanas – Departamento de Línguas Vernáculas – Grupo de Estudos em Culturas, Educação e Linguagens – GECEL – Porto Velho – RO – Brasil. 76801-974 – wansamp@gmail.com.

** UNIR – Universidade Federal de Rondônia – Núcleo de Ciências Humanas – Departamento de Línguas Vernáculas – Grupo de Estudos em Culturas, Educação e Linguagens – GECEL – Porto Velho – RO – Brasil. 76801-974 – larissa.pissinatti@unir.br.

Partindo desse ponto de vista, propomos uma leitura interpretativa da obra *Patinho surdo* (KARNOPP; ROSA, 2011), tradução culturalmente adaptada para o povo surdo, ou seja, um reconto do clássico *O patinho feio*. Para Mourão (2011), as traduções adaptadas, na literatura surda, manifestam em sua adaptação os valores linguístico-culturais do povo surdo, assim como têm a função de empoderar o povo surdo.

Nossa leitura também se apoia na concepção de que o espaço nos apresenta “uma heterogeneidade de práticas e **processos**” (MASSEY, 2008, p. 160, grifo do autor). Não há homogeneidade no espaço, pois ele está sempre em movimento, em constante mutação, em decorrência das práticas sociais. E é nesse sentido que a obra literária se mostra como um espaço pujante de relações, de processos, de acontecimentos vivenciados por personagens que interagem em tempos-espacos “mutuamente imbricados [...] produto de inter-relações” (MASSEY, 2008, p. 184).

Para nossa análise, consideramos as noções de cronotopia (BAKHTIN, 1993), topofilia (BACHELARD, 1972; TUAN, 2012) e topoanálise (BORGES FILHO, 2007), que abarcam as inter-relações sociais no tempo-espaço, o sentimento em relação ao meio ambiente e as representações simbólicas presentes no tempo-espaço da obra literária.

Além desta breve introdução, organizamos nosso texto em duas seções: na primeira delas, contextualizamos a literatura surda como espaço em que se situa a obra; na segunda seção, analisamos a obra *Patinho surdo* (KARNOPP; ROSA, 2011), considerando: (i) os cronotopos da estrada e do encontro; (ii) a topofilia e (iii) a topoanálise da obra: micro e macroespaços, personagens e gradientes sensoriais. Após, teceremos algumas considerações sobre a análise realizada.

Literatura do povo surdo: o espaço inicial

As produções culturais do povo surdo no Brasil, dentre elas a literatura surda, ganharam visibilidade a partir do reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS como língua do povo surdo brasileiro, através da Lei 10.436/2002. A literatura surda recebeu essa denominação por produzir obras a partir da perspectiva do povo surdo.

Segundo Mourão (2011), as obras da literatura surda compreendem: criação, tradução e tradução adaptada. As criações são produções originais – monolíngues e/ou bilíngues – e tomam por base “um movimento de histórias e ideias que circulam” entre o povo surdo (MOURÃO, 2011, p. 54). Ainda conforme Mourão (2011), as traduções são versões de obras já disponíveis na literatura traduzidas para a LIBRAS e as traduções adaptadas, são recontos inspirados em clássicos da literatura e que apresentam adaptações culturais representando os valores, vivências e experiências do povo surdo.

O conceito de literatura surda é algo ainda em processo de construção. Vários autores e estudiosos da área têm contribuído na discussão desse processo; dentre eles destacamos Mourão (2011), Morgado (2011), Holcomb (2013) e Strobel (2013), que são pesquisadores surdos.

Para Mourão (2011, p. 71),

Quando nos referimos à literatura surda nos colocamos frente às representações discursivas dos surdos, pois a literatura surda traz histórias de comunidades surdas, e essas histórias não interessam só para elas, mas para comunidades ouvintes, por meio da participação de sujeitos surdos e ouvintes.

Nesse sentido, a literatura surda, além de proporcionar o conhecimento literário aos surdos e contribuir na sua formação cultural, também contribui para que os ouvintes possam conhecer e compreender os valores e especificidade do mundo surdo.

Segundo Morgado (2011), as produções do povo surdo evidenciam a formação que tiveram e representam as dificuldades e vivências no campo familiar, educacional e social; em suas narrativas, é possível constatar o valor e a força das experiências visuais e da língua de sinais.

Holcomb (2013) afirma que a literatura surda é um fenômeno que representa as vivências do povo surdo e, dentre elas, o transitar por dois mundos: o mundo ouvinte e o mundo surdo. As narrativas, na literatura surda, apresentam uma perspectiva positiva do sujeito surdo em relação a sua condição, bem como o fortalecimento dos valores linguístico-culturais constitutivos de sua formação (língua, costumes e tradições).

Strobel (2013) considera que a literatura surda se constitui como um dos artefatos culturais do povo surdo. Para a autora, artefato é compreendido como “tudo o que se vê e sente quando está em contato com a cultura de uma comunidade como material, vestuário, maneira como se dirige ao outro, tradições, valores, normas, etc.” (STROBEL, 2013, p. 43).

Considerando-se o que dizem os autores acima referenciados, é possível afirmarmos que a literatura surda constitui parte das produções culturais do povo surdo, apresentando suas vivências, experiências e valores culturais. A cultura é o elemento que norteia e movimenta a elaboração dessas produções literárias, reforçando e/ou contribuindo na formação dos valores e especificidades do povo surdo e também no empoderamento do sujeito surdo em meio à sociedade.

Por meio da cultura, o espaço narrativo se individualiza e afirma o lócus enunciador. O espaço se torna, assim, “desdobrável em espaços observáveis, de forma que o narrador também ao narrar constitui um espaço, pois ele fala de algum lugar” (BRANDÃO, 2013, p. 62). Então, o lócus enunciador da literatura surda será

sempre a(s) comunidade(s) surda(s), porque sua base de produção está na visão de mundo, na cultura, no tempo-espaço do povo surdo.

Borges Filho (2007) nos diz que o espaço está associado também à dimensão simbólica, ou seja, há no espaço a manifestação de um processo de identificação. A esse respeito, Brandão (2013) argumenta que o espaço da identidade é “marcado por convergências e interesses, comunhão de valores e ações conjugadas, mas também divergência, isolamento, conflito e embate” (BRANDÃO, 2013, p. 31). Segundo este autor, o processo de identificação tende a ser relacional e é sinônimo de cultura. Nessa linha de raciocínio, Tuan (2012) reflete que “a visão de mundo, se não é derivada de uma cultura estranha, necessariamente é construída dos elementos conspícuos do ambiente social e físico de um povo” (TUAN, 2012, p. 116). Isto significa dizer que a visão de mundo se pauta na identificação e se constrói a partir das relações que o indivíduo vivencia no meio em que vive.

Assim, compreendemos que, na literatura do povo surdo, o espaço representado afina o leitor com a perspectiva de mundo do povo surdo. O espaço narrativo é lócus de afirmação de valores, hábitos e formação do *ethos* do povo surdo.

Patinho surdo: múltiplos espaços

Nesta seção, analisamos o texto *Patinho surdo* (KARNOPP; ROSA, 2011), considerando: os cronotopos da estrada e do encontro, a topofilia e a topoanálise da obra.

O texto *Patinho surdo* (KARNOPP; ROSA, 2011) é um conto do clássico *O patinho feio*, uma tradução adaptada para o povo surdo, especialmente para o público infantil. A seguir, apresentamos uma síntese da narrativa com vistas a proporcionar melhor entendimento à leitura por nós proposta.

O texto *Patinho surdo* é escrito em língua portuguesa, com ilustrações (em preto e branco) que proporcionam a leitura imagética. O conto inicia com a migração de um bando de patos (entre eles, um casal de patos surdos) para a Lagoa dos Patos. Ao chegar à Lagoa, os patos se estabeleceram e construíram seus ninhos. A pata surda saiu para passear nas águas da Lagoa e distanciou-se do seu ninho. Sentindo dores para desovar, a pata surda percebeu que não teria tempo de voltar ao ninho; então, viu-se obrigada a desovar em um ninho desconhecido. Entrou em desespero. A pata surda retornou para seu ninho, sem o seu ovo, o qual fora deixado em um ninho de cisnes ouvintes. Ao sair do ovo, o patinho surdo nada compreendeu da língua de seus “pais” e “irmãos” cisnes. Os pais cisnes ficaram decepcionados. O patinho surdo não conseguia aprender o canto dos cisnes, pois não podia ouvi-lo. Não era aquela a sua língua. Não se reconhecia como membro daquela família. Distanciou-se, então, do bando de cisnes, deslocando-se pela Lagoa. No caminho, encontrou alguns patos que conversavam em língua de sinais, com os quais se identificou e passou a conviver. Um belo dia, o patinho encontrou sua verdadeira

mãe, a pata surda. Esta o recebeu nos braços e, juntos, foram procurar a mãe cisne para esclarecer o ocorrido. O encontro entre a pata surda e a cisne ouvinte foi mediado por um sapo bilíngue, o intérprete. Tudo esclarecido, todos viveram felizes na Lagoa.

Cronotopia: a estrada e o encontro

Em nossa leitura de *Patinho surdo*, tratamos de dois importantes cronotopos considerados por Bakhtin (1993): a estrada e o encontro. Conforme Bakhtin (1993), cronotopo (que significa “tempo-espaço”) é a “interligação fundamental das relações temporais e espaciais, artisticamente assimilada em literatura” (BAKHTIN, 1993, p. 211). É fundamental tratar dos cronotopos da estrada e do encontro visto que, nas palavras de Bakhtin (1993, p. 223),

Tem significado particularmente importante a estreita ligação do motivo do encontro com o *cronotopo da estrada* (“a grande estrada”): vários tipos de encontro pelo caminho. No cronotopo da estrada, a unidade das definições espaço-temporais revela-se também com excepcional nitidez e clareza. É enorme o significado do cronotopo da estrada em literatura: rara é a obra que passa sem certas variantes do motivo da estrada, e muitas obras estão francamente construídas sobre o cronotopo da estrada, dos encontros e das aventuras que ocorrem pelo caminho.

Patinho surdo é uma obra que, claramente, se constrói sobre o cronotopo da estrada, dos encontros e das aventuras. No texto em análise, interpretamos a “grande estrada” a partir do voo inicial do bando de patos que, em seu movimento migratório, se desloca de um espaço para outro: a Lagoa dos Patos, o lugar ideal para se viver. Assim, a grande estrada se realiza no elemento ar. O voo dos patos, no elemento ar, indica o primeiro grande deslocamento no espaço, em busca de uma vida melhor, de um lugar melhor. Na Lagoa dos Patos, a água é o elemento que compõe a grande estrada e, de certa forma, a água torna a grande estrada mais concreta para os patos, pois é na Lagoa que está a vida. A Lagoa, enquanto parte da grande estrada, possui muitos caminhos. Nesses caminhos, acontecem encontros e desencontros.

Vamos adotar metaforicamente essa parte da grande estrada, a Lagoa dos Patos, como “o caminho da vida” (Cf. BAKHTIN, 1993, p. 242), porque é na Lagoa que tudo acontece. Na Lagoa, “o espaço é preenchido pelo sentido real da vida e entra numa relação essencial com o herói e com seu destino” (BAKHTIN, 1993, p. 242). Na Lagoa, o destino do patinho surdo, personagem principal, é marcado por acontecimentos incomuns: desovado em um lugar estranho, por ironia do destino, ele nasce e se vê como “um estranho no ninho”. E isso é concreto, é

real. O patinho surdo não se deixa determinar pela vida cotidiana dos cisnes. Ele não deseja ser cisne. Não se reconhece como cisne. Esse embate da personagem no desenvolvimento de sua vida concreta e na relação com (des)encontros nos caminhos de sua grande estrada é muito bem destacado por Bakhtin (1993):

A concretude do cronotopo da estrada permite que se desenvolva amplamente nele a *vida concreta*. Entretanto, essa vida corrente desenrola-se, por assim dizer, à parte da estrada, nos seus caminhos laterais. O personagem principal e os principais acontecimentos que decidem sua vida estão fora da vida cotidiana. Ele apenas a observa, às vezes imiscui-se de uma força heterogênea, outras, ele mesmo veste a máscara da vida cotidiana, mas não participa verdadeiramente da vida diária nem é determinado por ela. (BAKHTIN, 1993, p. 242).

O patinho surdo não veste a máscara da vida cotidiana dos cisnes. Busca seu próprio espaço. Por isso, desloca-se por novos caminhos em busca de seu lugar ideal. Nesses novos caminhos da estrada, acontecem dois importantes encontros que decidem o destino do patinho surdo: o encontro com os patos surdos, usuários de línguas de sinais, e o encontro com sua mãe, a pata surda.

Bakhtin afirma que “o cronotopo real do encontro tem constantemente lugar nas organizações da vida social e nacional” (BAKHTIN, 1993, p. 223). E, ainda, que “o motivo do encontro é um dos mais universais não só na literatura [...], mas em outros campos da cultura e também em diferentes esferas da vida e dos costumes da sociedade”. (BAKHTIN, 1993, p. 223). Nesse sentido, os dois encontros decisivos na vida concreta do patinho surdo são acontecimentos no tempo-espaço que contribuem efetivamente para organizar sua vida social e para que ele se afirme identitariamente com um determinado grupo, com os mesmos valores culturais.

O encontro com os patos que conversavam em língua de sinais despertou no patinho surdo o sentimento de identificação, visto que esses patos tinham as “mesmas cores, o mesmo bico, o mesmo jeito e o mesmo olhar” (KARNOPP; ROSA, 2011, p. 23) do patinho. Esse sentimento de identificação não se dá somente pelos aspectos físicos, mas, sobretudo, pelo olhar. Vê-se que a narrativa coloca em evidência um dos valores fundamentais do povo surdo: a visão, que é o órgão dos sentidos mais significativo para o surdo; é por meio dos olhos que os surdos recebem as informações e aprendem a significar o mundo.

De acordo com Borges Filho (2007, p. 37), “o espaço influencia a personagem a agir de determinada maneira”; então, a existência de patos surdos usuários de língua de sinais no espaço da Lagoa possivelmente influenciou outros patos, assim como outros animais ouvintes, a aprenderem e utilizarem essa língua, tornando-se bilíngues. Tal influência se configura na atuação da personagem sapo intérprete, que se apresenta como mediador da comunicação entre os patos surdos e outros animais habitantes da Lagoa que não usam língua de sinais.

O encontro com a mãe pata traz matizes emocionais e de valor. É um encontro alegre, receptivo, amoroso; é o ponto culminante e, ao mesmo tempo, o desfecho da narrativa. Podemos interpretar esse encontro, simbolicamente, como uma alusão aos anseios da pessoa surda na relação com o mundo social: viver conforme seus valores linguístico-culturais, em seu próprio tempo-espaço, de acordo com sua própria cultura e visão de mundo. Ser aceito, sentir-se abraçado, sentir-se em comunidade. Não ser “um estranho no ninho”.

Topofilia: a lagoa e o ninho

Segundo Bachelard (1972), a topofilia se caracteriza por apresentar espaços que são determinados pelos valores humanos ou também espaços defendidos contra forças adversas e vividos com todas as suas particularidades. Seguindo as ideias de Bachelard (1972), Tuan (2012, p. 136) diz que “a topofilia é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico [...] o lugar ou o meio ambiente é o veículo de acontecimentos emocionalmente fortes ou é percebido como um símbolo”. Para Tuan (2012), o espaço narrativo se relaciona a um ambiente cultural que enlaça todo o espaço, modifica-o, transforma-o, impactando também as relações e práticas sociais. Dessa forma, podemos dizer que o espaço gera um sentimento topofílico ligado às experiências que um agente possui no espaço em que vive. Um exemplo é a lembrança ou retomada do passado que conduz ao elo de amor com determinado lugar (TUAN, 2012).

Tuan (2012) considera, entre outros, que a praia, o vale e a ilha são ambientes de atração permanente e que todos os seres buscam um lugar ideal. No texto *Patinho surdo*, a Lagoa dos Patos se configura como um lugar ideal e pode ser comparada ao vale: é um nicho ecológico com variedade de alimentos, acesso fácil à terra, curso grande que permite deslocar-se e comunicar-se naturalmente com outros espaços. “O vale é identificado simbolicamente com útero e com refúgio” (TUAN, 2012, p. 167); espaço que protege e nutre a vida, o vale proporciona um ambiente seguro, de proteção.

Outro espaço simbólico a ser considerado em *Patinho surdo* é o ninho. Consoante Bachelard (1972), “o ninho é o espaço aconchegante, é o lugar mais primitivo de refúgio. Cada ser possui seu ninho e este se apresenta nas mais variadas formas: o coelho em sua toca, a vaca em seu estábulo, o rato em seu buraco, o ser humano em sua casa” (BACHELARD, 1972, p. 93). A casa e o ninho são espaços da vivência da intimidade e também o lugar dos limites: o círculo formado pelo ninho, bem como as paredes da casa, representam os limites que circundam o ser: “[...] *Tout y est poussée interne, intimité physiquement dominatrice. Le nid est un fruit qui se gonfle, qui presse sur ses limites*”¹ (BACHELARD, 1972, p. 101). De acordo

¹ “Tudo é impulso interno, intimidade fisicamente dominante. O ninho é um fruto que se expande,

com Tuan, “os lugares íntimos são lugares onde encontramos carinho, onde nossas necessidades fundamentais são consideradas e merecem atenção sem espalhafato” (TUAN, 2013, p. 168). Assim, os ninhos, em *Patinho surdo*, representam lugares de aconchego e carinho; nascer em um ninho diferente significa perder o aconchego e colocar em risco uma necessidade essencial: a comunicação.

Os diferentes ninhos existentes na Lagoa são representados basicamente por dois tipos: o ninho dos patos (surdos, ouvintes e bilíngues) e o ninho dos cisnes. Há, ainda, os “ninhos” dos sapos intérpretes e os de outras aves e animais que habitam a Lagoa. Cada um desses ninhos constitui um lugar de refúgio e aconchego para cada um de seus habitantes. São espaços sociais delimitadores de culturas, de valores, de hábitos e costumes, de diversidades culturais que marcam o sentimento topofílico de cada ser vivente.

Devemos salientar, entretanto, que, ainda que se reconheça a existência de diferentes espaços e cada um deles seja (de)marcado por suas especificidades culturais, conforme muito bem pondera Massey (2008),

[...] nem o espaço nem o lugar podem fornecer um refúgio em relação ao mundo [...] o espaço nos apresenta o social em seu mais amplo sentido: o desafio de nossa inter-relacionalidade constitutiva – e, assim, a nossa implicação coletiva nos resultados dessa inter-relacionalidade, a contemporaneidade radical de uma multiplicidade de outros, humanos e não humanos, em processo, e o projeto sempre específico e em processo das práticas através da quais essa sociabilidade está sendo configurada. (MASSEY, 2008, p. 274).

É verdade que nem o espaço nem o lugar nos refugiam em relação ao mundo. E é mesmo necessário que experiências múltiplas sejam por nós vivenciadas socialmente, dado que nos constituímos relacionalmente. No caso do patinho surdo, por exemplo, o processo de constituir-se como membro de uma coletividade surda passa, antes, pelo desafio de pressionar e romper as barreiras e limites impostos pelo ninho original em que nasceu (o dos cisnes) e buscar outros espaços de sociabilidade.

Topoanálise

MACRO E MICROESPAÇOS: A LAGOA E OS NINHOS

Tendo em vista o viés topoanalítico, *Patinho surdo* apresenta micro e macroespaços (BORGES FILHO, 2007). O macroespaço, que é a Lagoa dos Patos, se constitui de microespaços localizados em seu interior. Os microespaços localizados na Lagoa dos Patos são constituídos por diferentes ninhos: o dos

que se pressiona sobre seus limites.” (Tradução das autoras).

cisnes ouvintes e o dos patos surdos. Os ninhos marcam os territórios geográficos e estabelecem as fronteiras entre esses dois mundos, demarcando e evidenciando diferenças linguístico-culturais coexistentes no macroespaço. A água é o elemento que aproxima e distancia os bandos que vivem em diferentes microespaços.

Cada criatura organiza de forma sistemática seu ninho. Bachelard (1972) diz que os ninhos são refúgios criados pelos animais e despertam em nós as imagens mais primitivas, que nos remetem ao canto sossegado, aconchegante e familiar. Segundo o autor, a noção de casa-ninho/*Maison-nid* é o lugar natural da função de habitar. O ninho e a casa fazem ressoar em nós uma íntima relação de fidelidade com o espaço.

Em *Patinho surdo*, o primeiro elemento espacial simbólico a evidenciar diferenças e fronteiras culturais são os ninhos dos cisnes ouvintes e dos patos surdos. Esse espaço de aconchego é abalado com o deslocamento da pata surda: enquanto passeava pela Lagoa, ela sentiu dores para desovar; não conseguindo retornar ao seu próprio ninho, foi obrigada a botar seu ovo em um ninho desconhecido e, por isso, “em prantos, gritava, em sinais: Perdi um ovo!” (KARNOPP; ROSA, 2011, p.15). A pata surda tinha consciência de que desovara em um ninho diferente e seu filhote nasceria em um ninho estrangeiro.

A água é o elemento que proporciona os deslocamentos entre os microespaços existentes na Lagoa dos Patos: ela conduz e também ajuda a aumentar ou diminuir as distâncias. Todos os encontros e desencontros das personagens acontecem nos caminhos delineados no meio aquático. A água é, portanto, não apenas o elemento condutor, mas também o elemento mediador no macroespaço.

Bachelard nos diz que, de todos os elementos, a água é o mais fiel “espelho das vozes” (BACHELARD, 1997, p. 199). Deslocando-se através da água, o patinho surdo não apenas encontra seus pares, mas é (re)conduzido a sua mãe, ao seu lugar, saindo de um mundo de isolamento e “silêncio” para entrar em um mundo novo, em um coletividade em que a comunicação é possível. Assim, o patinho surdo ganha “voz”.

Desta maneira, na obra *Patinho surdo*, o elemento água, enquanto espelho de vozes no macroespaço narrativo, evidencia “as vozes” na relação entre surdos e ouvintes. Nessa esteira de pensamento, o desespero da pata surda ao desovar em ninho estranho pode ser entendido, simbolicamente, como uma possível preocupação coletiva do povo surdo na relação com o povo ouvinte: estar em um espaço desconhecido é perder-se enquanto membro de seu povo, deixar de transmitir e manter seus valores e cultura.

AS PERSONAGENS: CULTURAS EM CONTRASTE NO ESPAÇO

Patinho surdo coloca em evidência três tipos de personagens que simbolizam culturas em contraste coabitando no macroespaço Lagoa dos Patos: os patos surdos,

os cisnes ouvintes e o sapo intérprete. Os casais de patos surdos e de cisnes ouvintes são apresentados como pais.

Segundo Tuan (2013), os pais são o elemento de primeiro contato da criança no espaço. Através deles a criança irá sobreviver e desenvolver seu sentido de um mundo objetivo. O autor afirma que o espaço é um constructo do ser humano a partir da experiência com os outros e com o próprio corpo. Por isso o espaço se organiza de acordo com as necessidades das relações sociais. No texto em análise, a personagem patinho surdo nasceu utilizando língua de sinais em um ninho de cisnes ouvintes:

A mamãe cisne falou: “Oi! Bem vindo à lagoa!” Mas o patinho surdo nada respondeu. A mamãe insistiu: “Oi!” Mas ele continuava sem falar! O casal ficou apreensivo! O patinho então sinalizou: “Oi, mamãe! Oi, papai!” Os cisnes ficaram assustados! (KARNOPP; ROSA, 2011, p. 19).

Vê-se que, nesse espaço social diferente, as experiências culturais se revelam como algo assustador diante da necessidade de uma reorganização nas relações comunicativas no interior da família. A dificuldade de comunicação entre pais ouvintes e filhos surdos é bastante frequente com crianças surdas que nascem em famílias de pais ouvintes; esse mesmo fato é representado em outras obras da literatura surda, tais como *Dina the deaf dinosaur* (ADDOBBO, 2012), *Soy sordo cien por ciento* (GONZÁLES, 2012), entre outras, e essa experiência é algo recorrente na literatura surda. A personagem patinho surdo, ao sinalizar, (re)afirma um dos artefatos do povo surdo (STROBEL, 2013): a língua de sinais. Uma língua é determinante na formação e na construção de sentidos e significados. Ao nascer sinalizando, a personagem evidencia e reforça qual será a base de sua formação: as experiências visuais.

A existência de contrastes entre valores ouvintes/surdos fica ainda mais evidente no momento em que os pais cisnes passam ensinamentos aos filhotes: “Os dias iam passando, e os pais ensinavam os filhotes a cantar. Mas o patinho surdo não cantava, e por isso resolveu passear sozinho pela lagoa.” (KARNOPP; ROSA, 2011, p. 21).

O isolamento do patinho surdo e sua resistência em não se deixar conduzir pelos valores linguístico-culturais dos cisnes ouvintes é uma forma de se apropriar da sua condição enquanto sujeito surdo. Os patos surdos e os cisnes ouvintes simbolizam grupos sociais cujas culturas são contrastantes, com fronteiras bem marcadas pelas diferenças linguístico-culturais. O patinho surdo se questiona: “Por que sou tão diferente dos meus irmãos? Eu acho que não sou daquela família” (KARNOPP; ROSA, 2011, p. 22). Ao se questionar, o patinho revela seu conflito interior: em relação a si mesmo, ao seu papel naquele espaço e na sua relação com o mundo. O conflito faz parte do processo de conhecimento do mundo e esse processo nunca é passivo, plácido e calmo (BACHELARD, 1997).

O sapo intérprete é uma personagem empoderada por ter o domínio sobre a linguagem de dois mundos: o surdo e o ouvinte. Elo mediador da comunicação, o sapo intérprete constitui um mundo híbrido: é ouvinte, mas se diferencia dos cisnes por ser bilíngue; por outro lado, diferencia-se dos patos por não ser surdo. Como tem acesso aos valores culturais de surdos e ouvintes, o mediador acaba por assimilar valores dos dois grupos.

Quanto às personagens, ainda podemos atentar para o fato de que, no conto *Patinho surdo*, contrastando com o que é costumeiro nos contos infantis, o cisne não é objeto de desejo (o patinho surdo não quer ser cisne), o sapo não é um príncipe encantado e nem um bruxo disfarçado. Há, por assim dizer, uma espécie de inversão no papel literário que comumente é desempenhado por essas personagens.

GRADIENTES: SENTIDOS QUE SE CONFIGURAM - ESPAÇO NARRATIVO

O topoanalista Oziris Borges Filho (2007) compreende como gradientes as manifestações sensoriais presentes na obra literária, tais como experiências visuais, olfativas, gustativas, táteis e auditivas. Para o autor, “[...] já que o ser humano se relaciona com o espaço que o circunda por meio dos sentidos, cada um deles é capaz de estabelecer uma relação de distância ou proximidade com o espaço.” (BORGES FILHO, 2007, p. 69). Há, portanto, no espaço literário, manifestação dos sentidos, ou seja, é possível perceber as experiências e vivências das personagens, os valores dos grupos sociais ao qual pertencem e “cada ser pode perceber um mesmo espaço de forma diferente” (BORGES FILHO, 2007, p. 71).

Na obra *Patinho surdo*, os gradientes referenciam os microespaços, indicando oposição e valores de vivências linguístico-culturais que contribuem na relação de proximidade ou distância com o espaço.

A visão é o gradiente em destaque em *Patinho surdo*, visto que o espaço sociocultural de referência é a comunidade surda e seus valores linguístico-culturais; as experiências visuais, base de formação para o povo surdo, contrastam com as experiências auditivas, gradiente expresso na família de cisnes ouvintes, espaço em que nasceu o patinho surdo.

Outro gradiente sensorial relevante é o tato, por meio do qual o surdo também recebe informações do mundo externo. Através do tato, o patinho surdo adquire informações sobre o espaço em que vive e sobre os seres que ocupam esse espaço. Uma das ilustrações do texto (p. 12) mostra uma borboleta pousada nos dedos da pata surda. A borboleta é uma espécie que, assim como o surdo, não se orienta pela audição, mas possui outras formas de explorar e conhecer o espaço, como por exemplo, a visão e os sensores em suas antenas. Na referida ilustração, a posição das asas da borboleta, os traços na água e em torno da pata indicam que todo o espaço está em movimento. O olhar da pata está voltado para cima, para o infinito e,

em geral, o olhar para cima indica lembrança de algo, sonhos, desejos. A borboleta é um animal silencioso e possui harmonia em suas cores e formas. O gradiente tato aproxima a personagem do seu espaço, reforçando o sentimento de pertença, assim como possibilita a experiência de identificação com espécies que se assemelham a sua condição. Podemos conjecturar que a experiência tátil da personagem para conhecer o espaço e identificar-se com outras espécies que nele vivem propõe uma reflexão descolonizadora sobre a ideia de surdez. Assim como a borboleta sugere beleza e harmonia em seu silêncio, a surdez não é algo ruim, o silêncio não priva o surdo de ser feliz e viver em harmonia.

A audição é o terceiro gradiente sensorial relevante. Na narrativa em estudo, esse gradiente é representado pelas personagens cisnes ouvintes, pelo sapo-intérprete e pelos patos bilíngues. O sapo intérprete, mediador da comunicação entre os patos surdos e os cisnes ouvintes, faz uso da visão e da audição para interpretar. Nesse sentido, o sapo intérprete é um elo entre dois mundos e, por isso, pode transitar livremente nesses dois mundos. Podemos depreender daí que, em sendo o intérprete o elo entre dois mundos, o seu próprio mundo é um mundo sem fronteiras ou que, muito provavelmente, o mundo do intérprete se revela como um terceiro microespaço no interior do macroespaço: um entre-lugar cujas fronteiras se estabelecem pelas inter-relações ocorridas no interior de dois mundos.

Pelo viés da topoanálise, é possível afirmarmos que os gradientes sensoriais contribuem para o estabelecimento de relações entre as personagens, para a configuração do macro e dos microespaços, das relações de proximidade e distanciamento no decorrer da narrativa, assim como dos deslocamentos das personagens entre os microespaços.

Considerações

Neste artigo realizamos uma leitura interpretativa do texto *Patinho surdo* (KARNOPP; ROSA, 2011), considerando as noções de cronotopia, topofilia e topoanálise.

Sob o ponto de vista da cronotopia, destacamos dois importantes cronotopos: a estrada e o encontro. Adotamos a concepção de “grande estrada”, ou estrada da vida, repleta de caminhos, encontros e desencontros. Os encontros destacados na análise refletem que, no espaço narrativo, são reforçados valores linguístico-culturais, além do apelo a aspectos emocionais e afetivos do povo surdo nas suas inter-relações sociais.

No que toca à topofilia do texto, a lagoa e os ninhos simbolizam diferentes espaços (macro e micro) sociais delimitadores de culturas em contraste, diversidades culturais que contribuem para que cada criatura desenvolva um sentimento topofílico na relação com o meio ambiente.

Sob o viés topoanalítico, a lagoa é o macroespaço que abriga, no seu interior, variados microespaços, representados pelos diferentes ninhos (casa). Cada microespaço é constituído por especificidades culturais que delimitam as fronteiras entre os mundos de ouvintes e surdos. Um terceiro espaço, ou entre-lugar, é simbolizado pelo sapo intérprete, que tem acesso e livre trânsito entre esses dois mundos. Vimos, também, que as personagens surdas, ouvintes e bilíngues representam culturas em contraste e, ainda, que os gradientes sensoriais visão e tato são tão fundamentais para o surdo como a audição é para o ouvinte. Dessa forma, os gradientes sensoriais permeiam as relações entre as personagens, a configuração espacial macro e micro, as relações de proximidade e distanciamento e os deslocamentos inter e entre os espaços estabelecidos.

Quanto ao aspecto físico da obra, vale salientar que, para o surdo, a língua portuguesa escrita pode não ser o suficiente para traduzir algumas especificidades linguísticas da língua de sinais, tais como as expressões faciais e as configurações de mão, pois se trata de uma língua visuoespacial; algumas especificidades culturais próprias da comunidade surda somente são observadas no espaço-ilustrativo, nas imagens apresentadas no espaço narrativo. Assim, nas narrativas adaptadas para o leitor surdo, é necessário considerar também a leitura das imagens que ilustram o texto, especialmente aqueles destinados ao público infantil.

Ao concluir esta análise, trazemos como reflexão que a literatura surda, ainda marginalizada e pouco reconhecida, tem buscado, através de suas obras, conquistar e marcar seu espaço no interior do campo literário, ao mesmo tempo em que, em sua função formativa, propaga e (re)afirma os valores linguísticos e culturais do povo surdo, agindo, ainda, como instrumento que influencia e transforma as relações sociais entre surdos e ouvintes.

SAMPAIO, W. B. de A.; PISSINATTI, L. G. Adapted translation for the deaf reader: multiple spaces and cultures in contrast. *Itinerários*, Araraquara, n. 45, p. 309-323, jul./dez. 2017.

■ **ABSTRACT:** *In this paper we propose an interpretative reading of the text Patinho surdo (KARNOPP; ROSA, 2011), a culturally adapted translation for deaf people as a classic retelling of The ugly duckling. From the point of view that the literary work is a vibrant space of relations, processes and events experienced by characters that interact in overlapping time-spaces related to one another, the proposed reading considers the notions of chronotopia (BAKHTIN, 1993), topophilia (BACHELARD, 1972; TUAN, 2012) and topoanalysis (BORGES FILHO, 2007), terms that include social interrelations in space-time, the feeling towards the environment and the symbolic representations present in the time-space of the literary work. We inferred in our reading that: (i) the literature for deaf people seeks, through culturally adapted stories, to tune the reader*

with the perspective of world of the deaf people; (ii) the narrative space is configured as a place of affirmation of values, habits and formation of the deaf people ethos and also (iii) that the deaf literature, still emergent and little socially (re)known, intends to mark its space within the literary field; therefore, the literary work can serve as a valuable tool in this process.

■ **KEYWORDS:** *Adapted translation. Chronotopia. Deaf literature. Topoanalysis. Topophilia.*

REFERÊNCIAS

ADDOBBO, C. **Dina the deaf dinosaur**. Ilustrações de Patti Zimmer. Stanford: Hannacroix Creek Books, 2013. Ebook.

BACHELARD, G. **La poétique de l'espace**. Paris: Universitaires de France, 1972.

_____. **A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, M. **Questões de Literatura e de Estética (A Teoria do Romance)**. 3. ed. Trad. de Aurora Fornoni Bernadini, José Pereira Júnior, Augusto Góes Júnior, Helena Spryndis Nazário, Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Ed. UNESP, 1993.

BORGES FILHO, O. **Introdução à Topoanálise**. São Paulo: Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.

GONZÁLES, R. S. **Soy sordo cien por cento**. Ilustrações de Gil Balbuena Jr. [s/l]: Palibrio, 2012. Ebook.

HOLCOMB, T. K. **Introduction to American Deaf Culture**. New York: Oxford, 2013.

KARNOPP, L. B.; ROSA, F. **Patinho Surdo**. Canoas: ULBRA, 2011.

MASSEY, D. B. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Trad. de Hilda Pareto Maciel, Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MORGADO, M. Literatura em Língua Gestual. In: KARNOPP, L. B.; KLEIN, M.; LAZZARIN, M. L. (Orgs). **Cultura Surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações**. Canoas: ULBRA, 2011.

MOURÃO, C. H. N. **Literatura Surda: produções culturais dos surdos em Língua de Sinais**. Porto Alegre. 2011. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/32311>>. Acesso em: 24 jan. 2015.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 3. ed. Florianópolis: UFSC, 2013.

TUAN, Y-F. **Espaço e Lugar:** a perspectiva da experiência. Londrina: EDUEL, 2013.

_____. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** Londrina: EDUEL, 2012.



